



No pátio de obras, em Ouro Branco, a ferrugem corrói uma usina

Açominas já custa US\$ 4,5 bilhões e 205 mil t de equipamentos apodrecem

Belo Horizonte — Só de juros de financiamentos internacionais, a Açominas está pagando por ano de 300 milhões a 400 milhões de dólares, o que fez crescer o custo da obra, de 3 bilhões 500 milhões para 4 bilhões 500 milhões, dos quais 3 bilhões de dólares já aplicados. Mais de 200 mil toneladas de equipamentos — 205 mil 691, segundo a empresa — estão no pátio de obras da usina, sujeitos à ferrugem e deterioração.

Estes são apenas alguns argumentos usados esta semana pelas lideranças empresariais de Minas para pedir ao Presidente Figueiredo, em documento entregue em Brasília ao Ministro Leitão de Abreu, a alocação dos recursos necessários ao prosseguimento normal das obras. Advertem os empresários que o abandono do projeto pode provocar uma desilusão coletiva grave no país e o descrédito internacional.

MILIONÉSIMO METRO DE CONCRETO

A ofensiva dos empresários mineiros foi precedida de denúncias, no Senado, feitas por Murilo Badaró, do PDS, e Itamar Franco, do PMDB, sobre o abandono das obras da usina de Ouro Branco, onde praticamente só se constrói a fábrica de oxigênio, cujo cronograma ficara inexplicavelmente para trás, quando da reformulação do projeto.

A usina, que no início da semana ganhou seu milionésimo metro cúbico de concreto e que até hoje tem montada apenas a metade do total de 414 mil 732 toneladas de equipamentos, pelo Memorando de Entendimento, assinado em 1976, deveria ter sido inaugurada há dois anos. Mas, segundo os empresários mineiros, "não se sabe quando será efetivamente colocada em funcionamento".

Pelos últimos cálculos da Siderbrás e do Ministério da Indústria e do Comércio, a última fase da usina só entrará em operação em setembro de 1984, quase ao final do Governo Figueiredo. O início de operação do laminador de blocos e placas — já inteiramente concluído desde setembro passado, esperando porém a conclusão da Fábrica de Oxigênio, iniciada naquele mês — está previsto para julho de 1982.

Ao contrário dos empresários e dos senadores, a direção da Açominas adotou uma estratégia de silêncio diante dos problemas. Ela não explicou, por exemplo, como funcionará em sete meses o laminador, sem o aço produzido pela aciaria e sem o combustível, que é o gás produzido pela coqueria e o alto-forno. Talvez pense em laminar aço produzido por Volta Redonda, consumindo o óleo baiano, mas a um custo muito elevado.

A coqueria, a sinterização, o alto-forno e a aciaria, além do laminador de tarugos, entrarão em operação em março de 1983, segundo o último cronograma divulgado pela empresa. Porém, a aciaria não pode funcionar sem a fábrica de oxigênio e o recorde mundial de construção de uma fábrica dessas é de 18 meses, mais quatro para testes. Ou seja, na melhor das hipóteses ficaria concluída em junho de 1983. Finalmente, em março de 1984 entraria em operação o laminador de perfis pesados e trilhos e, em setembro do mesmo ano, o laminador de perfis médios.

OS JUROS DO ATRASO

O documento entregue ao Ministro Leitão de Abreu foi subscrito pela Associação Comercial de Minas, Federação das Associações Comerciais do Estado, Federações das Indústrias, da Agricultura e do Comércio, pelos Sindicatos da Indústria de Construção Civil e da Construção Pesada, pelo Clube dos Diretores Lojistas de Belo Horizonte e pela União dos Varejistas de Minas.

Afirmam que, do acréscimo de 1 bilhão de dólares, a parte da usina — por aumento dos custos do projeto — corresponde a apenas 200 milhões, ficando os restantes 800 milhões de dólares destinados ao pagamento de juros e outras despesas decorrentes de atraso. Enfatizam que o Governo deve honrar o compromisso assumido com organismos internacionais e liberar rapidamente os 1 bilhão 500 milhões de dólares necessários para a conclusão da obra.

Entre as sérias dificuldades resultantes do atraso de aporte de recursos, os empresários enumeram as dívidas da Açominas com numerosas empresas, grandes e pequenas, que não conseguem receber seus créditos a não ser por via judicial, como ocorreu recente-

mente com a Ecisa, uma empreiteira carioca. Alegam que as empresas estão perdendo condições de continuar fornecendo serviços, matérias-primas e produtos acabados, o que tem afetado milhares de trabalhadores que ficaram desempregados.

MERCADO PROBLEMÁTICO

Além dos problemas financeiros, a Açominas já enfrenta hoje um grave obstáculo para o perfeito funcionamento das instalações, no futuro. É que parte dos técnicos especializados que conseguiu formar, em longos cursos e estágios de aperfeiçoamento, já deixou a empresa à procura de melhor oportunidade, sobretudo na usina de Tubarão, que vem recrutando no Estado, em frequentes anúncios no "Estado de Minas, os melhores profissionais do setor, acenando com maiores remunerações e oportunidades de trabalho.

Para os empresários mineiros, o prejuízo do atraso nas obras da usina de Ouro Branco está trazendo também um grave reflexo em várias regiões do país. Observam que, nos nove primeiros meses deste ano, o Brasil importou 933 mil 841 toneladas de lingotes — parte, porém, pela própria Açominas, para formar seu mercado futuro — no valor de 424 milhões 631 mil dólares, que poderiam ser substituídas pela produção da Açominas, se já estivesse em funcionamento.

"A falta de mercado não pode ser invocada como motivo para postergação do empreendimento, nem para justificar irregularidades de aportes financeiros, mesmo porque fala-se até na importação de trilhos para o Projeto Carajás, quando o produto faz parte da linha da Açominas", desabafam os líderes empresariais mineiros, ao observarem que 70% da produção da usina estão comprometidos com o mercado europeu.

Afirmam que, no período 1983/87, a Açominas deve exportar, segundo acordos internacionais, 200 mil t de perfis e semi-acabados para a Ferrosaal alemã e 428 mil toneladas de tarugos para a inglesa Davy Loewy, tendo o Ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, acertado recentemente a venda de mais 500 mil t de tarugos para a Comunidade Européia.

Segundo os empresários, o descumprimento dos compromissos internacionais coloca em risco o crédito nacional e põe em dúvida a capacidade do país de estudar com competência seus projetos e de tomar decisões seguras. "Se persistirem os atrasos na implantação da Açominas, poderá ser prejudicada até mesmo a comercialização futura de seus produtos no mercado internacional e ser afetada no exterior a própria credibilidade do país", assinalou.

Entendem que a paralisação da usina seria uma providência inútil, pois nem sequer contribuiria para reduzir seus custos, mas para agravá-los devido ao natural crescimento dos investimentos que faltam, com o acréscimo de despesas irreversíveis com os juros de empréstimos.

O presidente da Associação Comercial de Minas, Francisco Guilherme Gonçalves, um dos signatários do documento, disse esperar que a Siderbrás destine à Açominas pelo menos 40% dos Cr\$ 10 bilhões que anunciou irá liberar brevemente para o setor siderúrgico. Lembrou que apenas os encargos financeiros da Açominas representam hoje aproximadamente o custo da construção da Siderúrgica Mendes Júnior, em Juiz de Fora, cujo projeto está integrado ao da Açominas, já que este seria a sua fornecedora de 300 mil t/ano de tarugos, a partir de 1983.